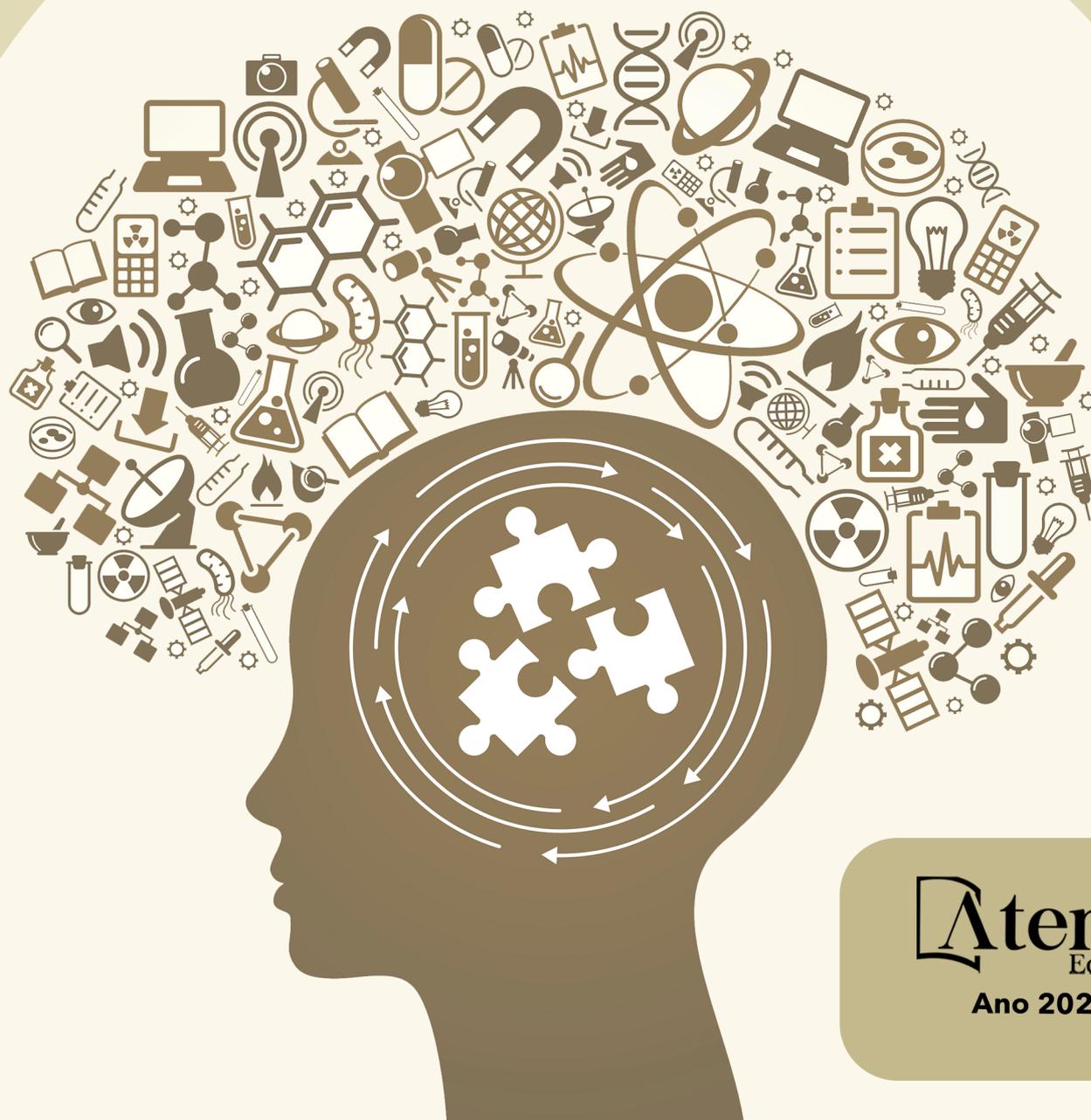


NOVAS POSSIBILIDADES RUMO AO FUTURO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

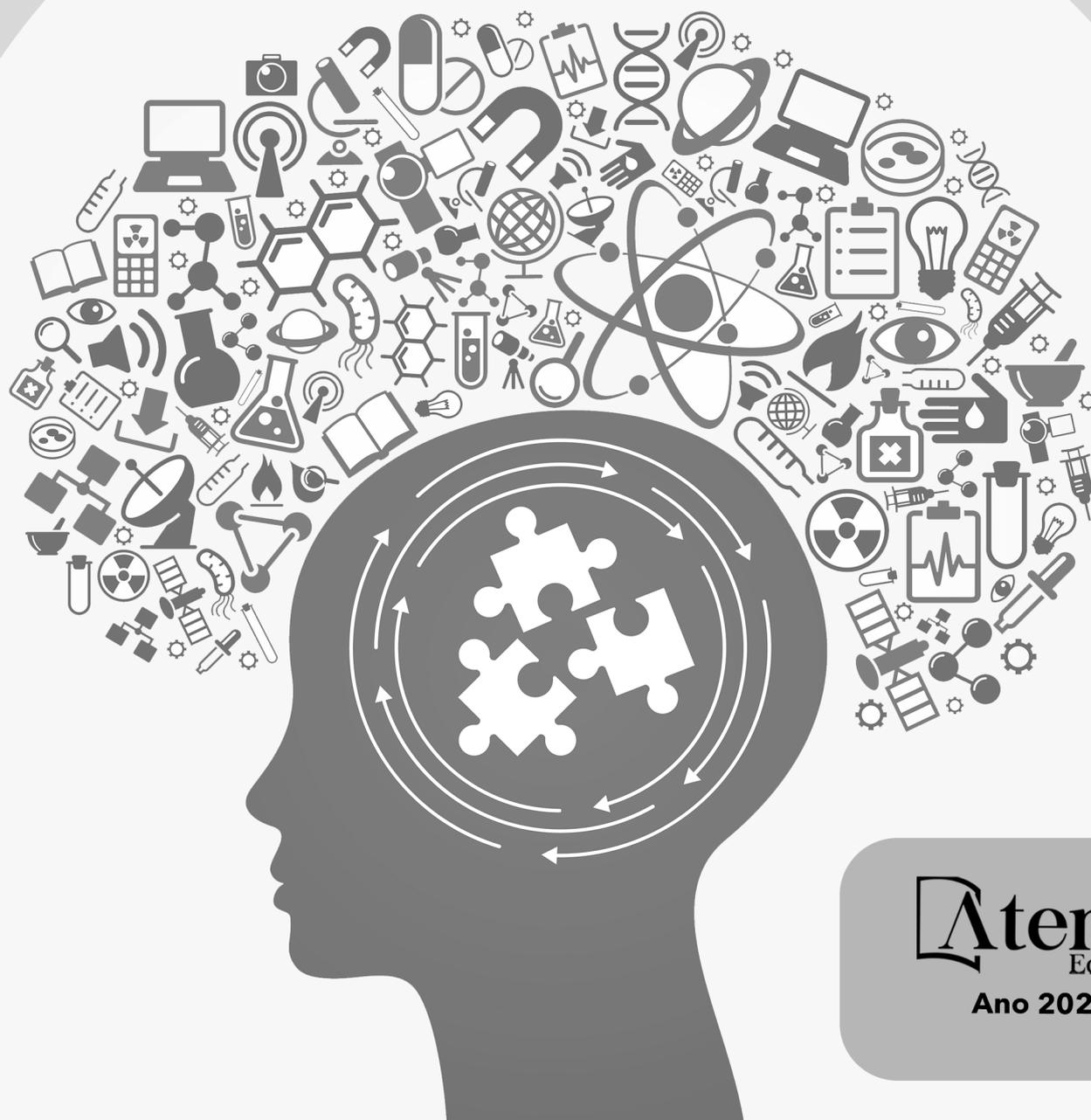
**MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VAGNO BATISTA RIBEIRO
(ORGANIZADORES)**



Atena
Editora
Ano 2020

NOVAS POSSIBILIDADES RUMO AO FUTURO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

**MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VAGNO BATISTA RIBEIRO
(ORGANIZADORES)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vagno Batista Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-76-8
 DOI 10.22533/at.ed.768200204

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Tecnologias.
 I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.
 III. Ribeiro, Vagno Batista.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, num momento histórico em que muros se erguem, as pessoas se fecham, se isolam, aderem ao teletrabalho, em que se discute a vida e do indivíduo e a importância da constituição de relações humanizadas, trazemos a vocês o livro *Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Um livro, que abre as fronteiras do conhecimento num ritmo acelerado, promovendo relações dialógicas e de intercâmbio cultural, aqui e alhures – com pesquisadores das mais variadas regiões do Brasil e de alguns sítios do México. No livro, os conhecimentos advindos das Ciências Humanas e suas Tecnologias, são perpassados por temas amplos e diversos, que materializam resultados de investigações desenvolvidas nos mais variados espaços de pesquisa. Uma obra organizada em dois eixos temáticos que totalizam 24 capítulos fantásticos. O primeiro eixo temático, intitulado “Ciências Humanas” engloba 18 capítulos, nos quais apresentamos diferentes perspectivas e olhares teóricos que endossam os diálogos nos seguintes campos: Educação, Ciências Sociais, Direito, História, Arte, Economia, Literatura, Filosofia, Meio Ambiente e outros, que são transcorridas transversalmente por temas e pelas discussões ao longo dos textos. O segundo eixo, tem como título “Tecnologias”, que vem como tema guarda-chuva abrigando, 06 capítulos, cujos diálogos vão além do cotidiano escolar/universitário, englobando o campo do Direito – startups e dados, Gestão Agroalimentar e outros. Dos liames existentes entre os dois capítulos, gravitam ideias, temas e reflexões, perpassados pelos seguintes fragmentos: “...viagens pelos livros...”, “...desenvolvimento rural”; “Educação ambiental”; “...comportamento seguro”, “O saber científico e outros saberes”; “Direito das mulheres à propriedade agrícola”; “pedagogia/alternância”; “Educar ou ensinar...”; “Saúde da mulher”; “O ensino de Filosofia”; “Modernidade líquida”; “...negócio local, social e sustentável”; “...Direitos fundamentais no teletrabalho”; O uso de tecnologias em sala de aula e em atividade científicas e outros contextos de formação. Desse modo, a coletânea de textos desta obra, se estabelece como um convite à reflexão e às interfaces de olhares de pesquisados e estudiosos que desenvolvem suas investigações Científicas na Ciências Humanas e suas Tecnologias. Com isso, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vagno Batista Ribeiro

SUMÁRIO

I – PARTE CIÊNCIAS HUMANAS

CAPÍTULO 1	1
A PERSPECTIVA DE MONSTRO NO LIVRO <i>VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE</i> : OS SERES DISFORMES VIVENTES NO ORIENTE	
Jorge Luiz Voloski Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.7682002041	
CAPÍTULO 2	11
DESARROLLO RURAL EN UNA COMUNIDAD DEDICADA A LA PRODUCCIÓN FORESTAL EN EL ALTIPLANO TAMAULIPECO, MÉXICO	
Elizabeth Del Carmen Andrade Limas Aimé Mariel López Rivas Bárbara Azucena Macías Hernández Glenda Nelly Lara Requena Lorenzo Heyer Rodríguez Patricio Rivera Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.7682002042	
CAPÍTULO 3	25
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO SOLUÇÃO PARA OS RISCOS GERADOS PELO CONSUMISMO CONTEMPORÂNEO	
Andreza de Souza Toledo Matheus Milani	
DOI 10.22533/at.ed.7682002043	
CAPÍTULO 4	45
A IMPORTÂNCIA DO DIREITO HUMANITÁRIO NA LIBÉRIA: INTOLERÂNCIA E VULNERABILIDADE	
Carlos Alberto Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7682002044	
CAPÍTULO 5	61
A IMPORTÂNCIA DO COMPORTAMENTO SEGURO PARA AMENIZAR OS ACIDENTES E TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS OCASIONADOS PELO TRABALHO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA O COMPORTAMENTO SEGURO E SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR	
Jaciera Graciela Dias Trzaskos Ester Caroline Dias Trzaskos	
DOI 10.22533/at.ed.7682002045	
CAPÍTULO 6	75
A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O SABER CIENTÍFICO E OUTROS SABERES COMO PROJETO DE EDUCAÇÃO	
Luciano Tadeu Corrêa Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.7682002046	
CAPÍTULO 7	88
EL DERECHO DE LAS MUJERES A LA PROPIEDAD AGRARIA, UN CONTEXTO DE USOS Y COSTUMBRES EN EJIDOS Y COMUNIDADES EN MÉXICO	
Marcial Reyes Cázarez	

Daniel Reyes Cázarez
DOI 10.22533/at.ed.7682002047

CAPÍTULO 8 100

A PEDAGOGIA EM ALTERNÂNCIA E A RECRIAÇÃO DO CAMPESINATO

Walter Roberto Marschner

DOI 10.22533/at.ed.7682002048

CAPÍTULO 9 114

A PERSPECTIVA DE GÊNERO E RAÇA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO CENÁRIO NEOLIBERAL:
UMA ANÁLISE DA AGENDA GOVERNAMENTAL PIAUIENSE

Hilziane Layza de Brito Pereira Lima

DOI 10.22533/at.ed.7682002049

CAPÍTULO 10 123

EDUCAR OU ENSINAR: CONFLITO ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE - NOVOS
CONTORNOS SE FOR TRABALHADO EM CÍRCULOS DE PAZ

Suzana Damiani

Claudia Maria Hansel

Victória Antônia Tadiello Passarela

DOI 10.22533/at.ed.76820020410

CAPÍTULO 11 134

A SAÚDE DA MULHER PESCADORA ARTESANAL DE CONCEIÇÃO DA BARRA, ESPÍRITO
SANTO

Quéren da Silva Martins

Gilsa Helena Barcellos

DOI 10.22533/at.ed.76820020411

CAPÍTULO 12 146

EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406) E AS CARACTERÍSTICAS DAS VIAGENS NA BAIXA IDADE
MÉDIA

Sofia Alves Cândido da Silva

Jaime Estevão dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.76820020412

CAPÍTULO 13 158

O NASCIMENTO E RENASCIMENTO DO *BALÉ LA SYLPHIDE* E A CRIAÇÃO DO TUTU
ROMÂNTICO

George Ricardo Carvalho Monteiro

Francisca Dantas Mendes

DOI 10.22533/at.ed.76820020413

CAPÍTULO 14 180

ENSINO DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
DA FILOSOFIA PARA O PROTAGONISMO JUVENIL

Josegley Andrade de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.76820020414

CAPÍTULO 15 193

HABITANDO NO CATIVEIRO DA INCERTEZA: A MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN

Raphael Colvara Pinto

CAPÍTULO 16 203

MUDANÇAS E CONTINUIDADES PRODUTIVAS E ALIMENTARES NO COTIDIANO DE AGRICULTORES FAMILIARES DO SUDOESTE DO PARANÁ

Patricia Fernandes
José Marcos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.76820020416

CAPÍTULO 17 215

O ATELIÊ BIANCA BAGGIO COMO NEGÓCIO LOCAL , SOCIAL E SUSTENTÁVEL ATUANTE NA PROPAGAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE

Bianca Helena Bisetto Baggio
Brunna Gonçalves Ramos

DOI 10.22533/at.ed.76820020417

CAPÍTULO 18 219

A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Cláudia Sousa Oriente de Faria

DOI 10.22533/at.ed.76820020418

PARTE II - TECNOLOGIAS

CAPÍTULO 19 229

A RELEVÂNCIA DO DIREITO À DESCONEXÃO PARA A PRESERVAÇÃO DE DIREITOS FUNDAMENTAIS NO TELETRABALHO

Jéssica Porto Cavalcante Lima Calou
Thiago Melo Façanha
Roberta Calazans Menescal de Souza Gomes

DOI 10.22533/at.ed.76820020419

CAPÍTULO 20 242

AS CONCEPÇÕES E AS DEMANDAS TECNOLÓGICAS DE RASTREABILIDADE NO CONTEXTO DA GESTÃO AGROALIMENTAR

Andressa Morgan
César Augustus Winck
Miguelangelo Gianezini

DOI 10.22533/at.ed.76820020420

CAPÍTULO 21 260

AValiação DE SALA DE AULA REGULAR A PARTIR DOS PARÂMETROS DO DESIGN UNIVERSAL E DA METODOLOGIA DEAFSPACE PARA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS

Renata de Assunção Neves

DOI 10.22533/at.ed.76820020421

CAPÍTULO 22 278

ACADEMIC CANVAS: UMA FERRAMENTA VISUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

Heleno Almeida Lima

DOI 10.22533/at.ed.76820020422

CAPÍTULO 23	282
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA: A PERSPECTIVA DOS(AS) LICENCIANDOS(AS) EM SUA FORMAÇÃO INICIAL	
Luciana de Lima	
Deyse Mara Romualdo Soares	
Gabriela Teles	
Robson Carlos Loureiro	
DOI 10.22533/at.ed.76820020423	
CAPÍTULO 24	292
STARTUPS E DADOS: DESAFIOS JURÍDICOS FRENTE AS NOVAS TECNOLOGIAS	
Mateus Catalani Pirani	
Fernando Frazão Peres	
Sueli Molinos Galante	
DOI 10.22533/at.ed.76820020424	
SOBRE OS ORGANIZADORES	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

O NASCIMENTO E RENASCIMENTO DO *BALÉ LA SYLPHIDE* E A CRIAÇÃO DO TUTU ROMÂNTICO

Data de aceite: 27/03/2020

Data de submissão: 10/01/2020

George Ricardo Carvalho Monteiro

Escola de Artes Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo
São Paulo - SP

ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6560221735031612>

Francisca Dantas Mendes

Escola de Artes Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo
São Paulo – SP

ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5767250736806527>

RESUMO: A estreia do balé *La Sylphide* de Philippe Taglioni, em 1832, na Ópera de Paris, inaugurou a era do balé romântico, transformando de forma profunda e definitiva a concepção e encenação de balés e canonizando um traje de cena inovador: o tutu romântico. O sucesso imediato levou a obra para diversos palcos da Europa e América, mas na segunda metade do século XIX deixou de ser encenada. Em 1972, o bailarino, coreógrafo e pesquisador francês Pierre Lacotte recriou o bailado original e o devolveu ao repertório da Ópera de Paris. A reconstrução de Lacotte foi remontada em diferentes companhias de

dança espalhadas pelo mundo e, em 1990, incorporada ao repertório do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Este artigo tem como objetivo realizar um estudo bibliográfico e documental da trajetória histórica do balé *La Sylphide*, desde sua versão original, coreografada por Taglioni, em 1832, passando por sua reconstrução assinada por Lacotte, em 1972, e finalizando com sua remontagem para o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1990. A pesquisa também contempla aspectos históricos e estéticos do traje de cena da personagem Sílfide, dessa mesma obra. As principais fontes de pesquisa são a bibliografia especializada em história da dança e do *design* de figurinos para balé, entrevistas semiestruturadas, bem como documentos do acervo da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O artigo pretende disseminar e preservar a memória da história da dança e do traje de cena para balé.

PALAVRAS-CHAVE: Balé. Traje de cena. Sílfide. Pierre Lacotte. Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

THE BORN AND REBORN OF THE *BALLET LA SYLPHIDE* AND THE CREATION OF ROMANTIC TUTU

ABSTRACT: Philippe Taglioni's *La Sylphide* ballet debut in 1832 at the Paris Opera inaugurated the era of romantic ballet, transforming the design and performance of ballet in a deep and definitive way and canonizing an innovative stage costume: the romantic tutu. The immediate success took the work to various stages in Europe and America, but in the second half of the nineteenth century was no longer staged. In 1972, French dancer, choreographer and researcher Pierre Lacotte recreated the original ballet and returned it to the Paris Opera repertoire. Lacotte's reconstruction was traced back to different dance companies around the world and, in 1990, incorporated into the repertoire of the Ballroom of the Municipal Theater of Rio de Janeiro. This article aims to conduct a bibliographical and documentary study of the historical trajectory of *La Sylphide* ballet, from its original version, choreographed by Taglioni, in 1832, through its reconstruction signed by Lacotte, in 1972, and ending with its reassembly to the Body of Ball of the Municipal Theater of Rio de Janeiro, in 1990. The research also contemplates historical and aesthetic aspects of the scene costume of the character Sylph, of that same work. The main sources of research are bibliography specializing in dance history and ballet costume design, semi-structured interviews, as well as documents from the Rio de Janeiro Municipal Theater Foundation and Rio de Janeiro National Library. The article aims to disseminate and preserve the memory of the history of dance and ballet costume.

KEYWORDS: Ballet. Costume. Sylph. Pierre Lacotte. Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte de um estudo realizado pelo autor para a confecção de uma dissertação de mestrado intitulada "O traje de cena da Sílfide do balé *La Sylphide* de Philippe Taglioni e Pierre Lacotte: um estudo dos aspectos formais do design e das técnicas de construção", vinculada ao Programa de Pós-graduação em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo e defendida em setembro de 2019.

2 | ANTES DE *LA SYLPHIDE*

O balé surgiu na Itália renascentista sob a tutela da burguesia abastada e da aristocracia. O *ballet ou balletto* era uma forma de dança erudita e metrificada, ensinada pelos mestres de dança e encenado como entretenimento de corte em festas temáticas ostentosas, no final do século XV. Esses festejos foram conhecidos com vários nomes como momos (*momeries*), mascaradas (*mascherate*) (Figura 1)

e interlúdios (*intermedii* ou *intermezzo*). A erudição, metrificacão e o ensino regular da dança marcou o fim da espontaneidade e a divisão definitiva entre dança cortesã e dança popular. Tal processo foi grandemente influenciado pelas características dos trajes das classes dominantes que inviabilizavam a execucao de uma dança expansiva e livre. A indumentaria da época era constituída fundamentalmente por calças apertadas, sapatos enormes e gibões para os homens, e longas anáguas, espartilhos bem ajustados e saias para as mulheres (PORTINARI, 1989; CAMINADA, 1999; HOMANS, 2010).



Figura 1 – Mascherate na Corte do Imperador Maximiliano I

Fonte: Dürer (1517).

Ao casar-se com o Duque de Orleans (1519-1559), futuro Rei Henrique II da França, Catarina de Médicis (1519-1589) implantou e foi grande incentivadora da tradiçao dos *ballettos* na corte parisiense. Sob sua tutela nasceu em 1581 o *Ballet Comique de la Reine*, primeira obra do gênero balé de corte; considerada a expressao inaugural do balé como espetáculo. Luis XIV (1638-1715), o rei bailarino, foi um amante dedicado do balé de corte e, durante seu reinado, criou a Academia Real de Dança; iniciativa que gerou a codificacão e profissionalizacão do balé. Na França do século XVII o balé de corte inspirou novos gêneros de espetáculos, como a comédia-ballet, a tragédia lírica e a ópera-ballet (BOURCIER, 1987; HOMANS,

2012). O balé de corte foi o primeiro gênero de bailado a transformar o traje do bailarino em um elemento expressivo, que comunicava as características e emoções do personagem pelo uso de elementos visuais simbólicos. Apesar de estar integrado à narrativa dramática e, algumas vezes, adaptar a forma para privilegiar a performance, estes trajes ainda preservavam elementos da moda do vestuário de corte dos séculos XVI e XVII (MENDES, 2015). A obra-prima do gênero balé de corte foi o *Ballet de la Nuit*, dançado por Luís XIV (Figura 2) e encenado em 23 de fevereiro de 1653 na sala do Petit-Bourbon, no Louvre.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 2 – Luís XIV como Apolo no *Ballet de la Nuit*, 1653

Fonte: Gisse (1653).

Em nome do decoro, havia sérias restrições à participação da mulher em espetáculos e os papéis femininos nos balés de corte eram sempre representados por homens mascarados e travestidos. As damas participavam no *grand ballet* do final, que incluía todas as damas do palácio e tinha, assim, uma conotação social (ELLMERICH, 1988; PASI, 1991, MENDES 2015). Foi somente no final do século XVII que as mulheres passaram a ter participação no balé-espetáculo (ELLMERICH, 1988).

No final do seu reinado, em 1713, Luís XIV criou uma companhia de dança profissional permanente vinculada à Academia Real de Dança e constituída por

dez homens e dez mulheres. A ação marcou a profissionalização definitiva dos bailarinos e o começo da ascensão da figura feminina nos espetáculos de balé. Um grupo de bailarinas ganhou destaque, em especial: Marie Thérère de Subligny (1666-1735), Marie Sallé (1707-1756) e Marie Camargo (1710-1770) (PORTINARI, 1989; CAMINADA, 1999; MENDES, 2015).

À medida que os bailarinos da academia desenvolveram técnica cada vez mais brilhante e virtuosa, os pesados trajes de cena foram simplificados para proporcionarem maior liberdade de movimentos. Marie Sallé e Marie Camargo contribuíram para a reforma do figurino feminino encurtando as saias e suprimindo os saltos dos sapatos (HOMANS, 2012; MENDES, 2015).



Figuras 3 e 4 – Marie Sallé e Marie Camargo

Fonte da Figura 3: Lancret (1732). Fonte da Figura 4: Lancret (1730).

Durante o século XVIII ocorreu uma ampla e radical reestruturação das artes na Europa. A revigoração do balé foi protagonizada por muitos agentes, que compartilhavam o desejo de repensar a herança aristocrática francesa, povoada por personagens mitológicos e heroicos, e tornar a dança à imagem do próprio homem (HOMANS, 2012). Jean-Georges Noverre (1727-1810) foi o mais influente dos reformadores desse período e o pai de um novo gênero: o balé de ação. Reuniu ideias claras sobre o balé de ação em um corpo doutrinário e impôs tais ideias por meio de um numeroso e célebre conjunto de obras, cento e cinquenta balés no total. O conjunto de ideias desenvolvido por ele em *Lettres sur la danse et sur les ballets*, é regido por dois princípios: 1) o balé deve narrar uma ação dramática, sem interrompe-la com *divertissements*; 2) a dança deve ser natural e expressiva (BOURCIER, 1987). Na elaboração de um novo gênero, Noverre fez críticas e

sugestões a vários aspectos fundamentais da dança cênica de sua época: trajes de cena, técnica, organização da Ópera, formação dos bailarinos, estilo e composição dos balés.



Figura 5 – Jean-Georges Noverre

Fonte: Perronneau (1764).

Sobre as máscaras e a importância da expressão do rosto Noverre escreveu:

‘Tive coragem de proscrevê-las do teatro [...] Sempre considerei as máscaras de madeira ou cera como um invólucro espesso e grosseiro que abafa os afetos da alma e que não lhe permitem manifestar as impressões que sente...’ [...]. ‘O rosto [...] é o órgão da cena muda, é o intérprete fiel de todos os movimentos da pantomima: é o suficiente para banir as máscaras da dança’ (BOURCIER, 1987, p. 171).

Escreveu também sobre os trajes de cena inadequados:

‘No ano de 1762, declarei guerra às enormes perucas da Ópera [...]’. A variedade e a verdade nos trajes... são tão raras quanto na música, nos balés e na dança simples. O ouro por toda a parte: o camponês, o marinheiro, o herói estão sempre sobrecarregados; quanto mais um traje é ornado de bugigangas, lantejoulas, filó e rendas, mais adquire mérito diante do autor e do espectador sem gosto. Não queria mais esses toneletes rígidos que, em certas posições, colocam, por assim dizer, as ancas nos ombros e que eclipsam todos os contornos... Diminuiria em três quartos as crenolinas ridículas de nossas dançarinas; impedem também a liberdade, a rapidez e a ação pronta e animada da dança... Diminuem a graça dos braços; na verdade, enterram a graça...’ (BOURCIER, 1987, p. 171).



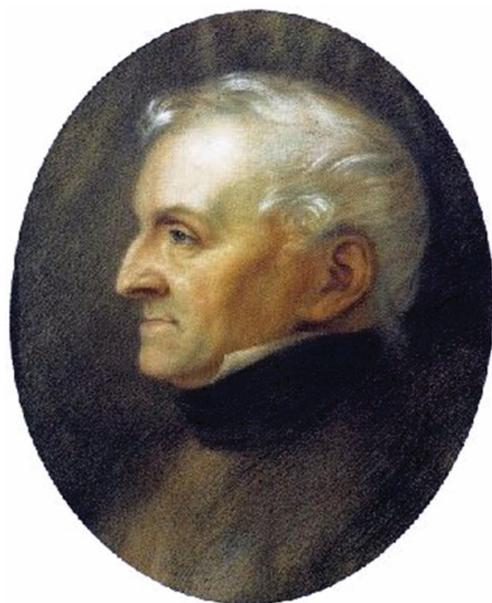
Figuras 6 e 7 – Croquis dos figurinos dos personagens Sultan e Sultane de balé não identificado de Noverre.

Fonte da Figura 6: Boquet (1791a). Fonte da Figura 7: Boquet (1791b).

As *Lettres sur la danse et sur les ballets* foram amplamente difundidas e criaram um forte movimento de ideias renovadoras. Seu conceito de balé como um gênero artístico completo foi replicado em toda a Europa por intermédio de seus alunos Dauberval e Gardel, admiradores como Vestris e Le Picq e discípulos indiretos, como Bournonville, Aumer e Vigano (BOURCIER, 1987). Seus conceitos estão vivos até hoje e influenciaram grandemente a criação do balé romântico (HOMANS, 2012).

3 | LA SYLPHIDE E O TUTU ROMÂNTICO

A era do balé romântico foi inaugurada com a estreia de *La Sylphide*, de Philippe Taglioni (Figura 8) em 12 de março de 1832, no *Théâtre de l'Académie Royale de Musique*, em Paris. O bailado em dois atos obteve triunfo imediato e exerceu uma influência imensa na forma de produzir e encenar balés. Nasceu com libreto de Adolphe Nourrit, música de Jean Madeleine Schneitzhoeffler, coreografia de Philippe Taglioni, cenários de Pierre Ciceri e figurinos de Eugène Lami. O elenco da estreia foi encabeçado por Marie Taglioni (a Sílfide), Joseph Mazilier (James) e Lise Noblet (Effie) (BEAUMONT, 1953; BOURCIER, 1987).



Figuras 8 e 9 – Philippe Taglioni (1777-1871) e Marie Taglioni (1804-1884)

Fonte da Figura 8: Balletto [...] (sem data). Fonte da Figura 9: Kriehuber (1839).

O libreto da obra baseou-se em *Tribby* ou *Le Lutin d'Argail*, publicado em 1822, conto de Charles Nodier inspirado em uma lenda escocesa. Portinari (1989, p. 86-87) sintetiza o enredo da seguinte forma:

A história se passa na Idade Média em brumosa aldeia da Escócia onde seres de mundos opostos – o real e o irreal – vivem amor impossível. No dia de seu casamento com Effie, o jovem James é atraído pela aparição de uma sílfide que só ele pode ver. Deixando noiva e convidados, o rapaz acompanha a sílfide a um bosque. Apaixonado pela visão, James esquece o compromisso. Mas a sílfide sempre escapa, brincando e voando, confundindo-se com as companheiras. Uma feiticeira aparece e dá ao rapaz uma estola mágica que impedirá a sílfide de voar. [...] James envolve a sílfide com a estola. Ela perde as asas e morre entre suas companheiras. A feiticeira exulta diante do sofrimento do rapaz. Ao longe, ele avista um cortejo nupcial. Cansada de esperar, Effie se casa com outro aldeão.

La Sylphide refletiu de forma incontestável os ideais do Movimento Romântico pela atenção à natureza, ao exotismo, ao sobrenatural, ao espiritual e ao irracional, expressos no enredo, na coreografia, na cenografia e no figurino (BOURCIER, 1987; FARO, SAMPAIO, 1989; CAMINADA, 1999). Estabeleceu a mística da bailarina, Marie Taglioni (Figura 9) foi aclamada sacerdotisa e o balé se tornou domínio feminino, um feminino sobrenatural que encantava um masculino terreno. Bailarinas de carne e osso se transformaram em criaturas espirituais, cujos corpos delicados e fluidos, de formas transparentes, se dissolviam na luz, conquistando o ar e o espaço. O habitat destes seres estava na natureza selvagem e indomada, ideia exaltada pelo Movimento Romântico, metáfora para o irracional e a liberdade do mental da causalidade. O efeito de super-realidade teatral foi alcançado pela associação de diversos recursos: trajes de cena com saias longas de camadas

vaporosas de tule se tornaram o uniforme da bailarina, as sapatilhas de pontas e a técnica extrema da dança aérea e de elevação simularam a ausência de peso e gravidade, a iluminação cênica a gás e a cenografia criaram ambientações suprarreais, os alçapões no palco proporcionaram efeitos mágicos de entradas e saídas de cena do elenco (KIRSTEIN, 1984; HOMANS, 2012).

Beaumont (1953, p. 85) fornece uma descrição do traje da Sílfide (Figura 10):

Eugène Lami, o desenhista do guarda-roupa deste bailado, criou um traje de musselina branca que sugeria a vaporosidade da sílfide. Consistia esse vestido num corpete justo, que deixava nus os ombros e pescoço, uma saia em forma de sino que chegava até o meio da perna, *maillot* rosa pálido e sapatos de cetim; os únicos enfeites eram uma fita azul claro na cintura, um par de minúsculas asas entre as omoplatas, um ramallete no seio, pulseiras e um colar de pérolas, e uma guirlanda de convólculos para prender os cabelos.



Figura 10 – Marie Taglioni como a Sílfide

Fonte: Chalon (1845).

La Sylphide marcou uma revolução na indumentária teatral ao estabelecer o uniforme da bailarina e sua silhueta em forma de sino, agora conhecida como tutu romântico (BEAUMONT, 1953; KIRSTEIN, 1984; GUEST, 2012). A absoluta simplicidade do traje da Sílfide foi uma novidade para a época, mas seu significado não foi imediatamente percebido e com o passar do tempo adotado como um modelo para as cenas etéreas, que se tornaram muito populares (GUEST, 2012).

A tradição atribui a criação do figurino da Sílfide, usado por Marie Taglioni, à

Eugène Louis Lami (Figura 11), um pintor, aquarelista, litógrafo, ilustrador e *designer* francês, responsável pelo desenho do guarda-roupa de *La Sylphide* (LEMOISNE, 1912; POTTER, 2005; GUEST, 2012). Tornou-se um pintor muito conhecido na capital francesa durante a Monarquia de Julho e no Segundo Império francês, por suas pinturas com temática histórica e gravuras para livros. Algumas de suas obras estão em exposição no *Musée du Louvre* e no *Château de Versailles* (LEMOISNE, 1912).



Figura 11 – Eugène Lami (1800-1890)

Fonte: Delaroche (1834).

Beaumont (1946) e Guest (2012) afirmam que não há qualquer evidência documental que sustente o crédito à Lami da criação do traje da Sílfige, uma vez que os projetos dos figurinos do pintor para o guarda-roupa de *La Sylphide* estão preservados na *Bibliothèque de l'Opéra* e o croqui para o traje da Sílfige não é encontrado. Guest sugere que a ausência deste desenho na série incompleta do projeto do guarda-roupa do bailado pode indicar que ele não foi desenhado como os demais, mas criado pelo departamento de figurinos a partir da instrução de se confeccionar um figurino totalmente branco.

Guest questiona também a reivindicação de ter sido o primeiro traje com saia em forma de sino usado no balé. Esclarece que na estreia, em 1832, a saia não era tão volumosa e muito semelhante na forma às usadas em balés anteriores como a do traje de Pauline Montessu na cena da sonâmbula de *La somnambule*, de 1827 (Figura 12). Antes disso, Carlo Blasis escreveu em seu manual técnico

Traité élémentaire, théorique et pratique de l'art de la danse, editado em 1820, que “A roupa usada pelas alunas em suas aulas [...] é composta por corpete e saia de musselina branca, uma faixa preta é colocada em volta da cintura” (POTTER, 2005, p. 8). Barbieri (2017) sugere que estas saias que se tornaram o uniforme dos *ballet blanc*, uma sobreposição de oito camadas de tarlatana, possam ter sido concebidas a partir das anáguas da década de 1830.



Figura 12 – Pauline Montessu na cena da sonâmbula de *La somnambule*

Fonte: Rouargue; Lacauchie (1827).

Guest (2012) acredita que o motivo do figurino da Sílfiide não ter causado sensação em sua estreia foi pelo fato de não apresentar qualquer inovação em seu *design*. Ele se apoia também no fato de que o desenvolvimento da saia em forma de sino foi gradual e seguiu os padrões da moda da época, crescendo em circunferência até atingir o máximo de volume durante o Segundo Império, com o apogeu da crinolina. Fischer (1931) relata que Eugène Lami falava livremente do seu passado e do trabalho na *Opéra*, no entanto nunca confidenciou sobre a invenção do tutu, algo que ele teria direito de se orgulhar e não teria motivos para negar. Nenhuma pessoa do seu círculo de relações pôde confirmar se ele desenhou ou confeccionou com suas próprias mãos o primeiro tutu romântico com muitas camadas de gaze e tarlatana, mas concordaram que ele seria capaz fazê-lo.

Sobre a trajetória do bailado no século XIX, Beaumont (1953, p. 88) escreveu:

O bailado [...] foi constantemente montado e reencenado na maioria das capitais europeias, algumas vezes com a coreografia original, doutras em novas versões compostas por outros *maîtres de ballet*.

O bailado de Philippe Taglioni, em sua versão original, foi apresentado em Londres e em Berlim (1832), Estados Unidos (1835), Viena (1836), São Petersburgo (1837) e Milão (1841). Após a despedida dos palcos de Marie Taglioni, em 1847, *La Sylphide* continuou no repertório da *Opéra de Paris* até 1858, totalizando 146 apresentações. Em sua última temporada na capital francesa, a obra foi escolhida para a estreia da protegida de Marie, Emma Livry (Figura 13), então com 16 anos de idade (FARO, SAMPAIO, 1990; BOURHIS, 1996; HOMANS, 2012; SMITH, 2012).



Figura 13 – Emma Livry como a Sílfige

Fonte: Bibliothèque [...] (1855-1875).

La Sylphide sobreviveu até o século XX em outras versões, no entanto a mais duradoura e mais dedicada à memória desse bailado francês foi a do bailarino, coreógrafo e diretor de balé dinamarquês Auguste Bournonville. A versão nórdica de *La Sylphide* estreou em 28 de novembro de 1836 no Teatro Real Dinamarquês, em Copenhague, com Lucile Grahn como a Sílfige e o próprio Bournonville como James (FARO, SAMPAIO, 1990; GUEST, 2012; HOMANS, 2012).

Cem anos depois de sua última apresentação na *Opéra*, o bailarino, coreógrafo e pesquisador francês, Pierre Lacotte, devolveu a *La Sylphide* de Taglioni ao repertório do *Ballet de l'Opéra National de Paris*, em uma versão reconstruída em

1972 a partir de uma longa e profunda pesquisa documental (FARO, SAMPAIO, 1990; HAMMOND, 2012).

4 | PIERRE LACOTTE E A RECONSTRUÇÃO DE *LA SYLPHIDE*

Pierre Lacotte (Figura 14) formou-se na *École de Danse de l'Opéra de Paris*, ingressou no corpo de baile dessa casa em 1946 e foi promovido a primeiro bailarino em 1951, antes de seguir como artista convidado para Nova Iorque, Londres, Alemanha e Suíça. Fundou em 1955 sua própria companhia de balé, *Les Ballets de la Tour Eiffel* e dirigiu os *Ballets Jeunesses Musicales de France*, em 1963 (PIERRE ..., 2013).

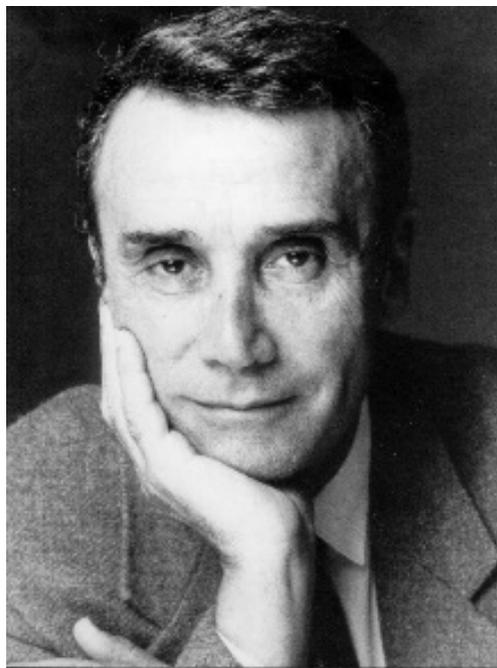


Figura 14 – Pierre Lacotte (1932)

Fonte: Pöhn (sem data).

O interesse de Lacotte pelo lendário balé *La Sylphide* nasceu em sua juventude quando ainda era aluno da *École de Danse de l'Opéra*. Ele frequentava a Biblioteca da Ópera entre aulas e ensaios e lá descobriu documentos sobre Marie Taglioni e *La Sylphide*, tornando-se obcecado por esta obra-prima perdida e também pela figura de Marie. Em 1946 assistiu a uma versão incompleta produzida por Victor Gsovsky, com Rolant Petit e Nina Vyroubova nos papéis principais. Continuou pesquisando com o objetivo de reconstruir as partes que faltavam, coletando dados em todos os teatros onde dançou a procura de quaisquer documentos. Aos dezoito anos, a convite de Harald Lander, dançou o papel de James da versão de August Bournonville, em uma exibição para a televisão, o que incitou ainda mais Lacotte a

voltar às fontes da versão original (LACOTTE, 2013a; BOISSEAU, 2013).

A descoberta de objetos e documentos de Marie Taglioni depositados no *Musée du Louvre* por seu neto, Auguste Guilbert de Voisins, em 1968, indicou o nome e o endereço dos arquivos de sua avó, que na ocasião estavam espalhados em coleções particulares. À medida que as investigações avançavam, Lacotte coletou as críticas publicadas em todos os países onde o bailado de Philippe Taglioni fora encenado, algumas das quais escritas por ex-bailarinos e continham descrições detalhadas das sequências de passos, dando-lhes nomes. Ele conseguiu os desenhos e anotações registradas pelo coreógrafo, bem como a partitura do “violino condutor” que pertencera ao próprio Taglioni, em que passos e *mise en scène* estavam meticulosamente descritos (LACOTTE, 2013a; BOISSEAU, 2013). Obteve os cadernos de aula de Paul Taglioni (filho de Philippe Taglioni) e os cadernos de anotações de Antoine Titus, mestre de balé em São Petersburgo, encarregado da montagem de *La Sylphide*, em 1839 (MURACHCO, 1990). Consultou os arquivos da *Bibliothèque de l’Opéra de Paris* onde encontrou preservados o inventário detalhado dos figurinos de Lami e as maquetes do cenário desenhadas por Ciceri, bem como todos os projetos das máquinas de cena, utilizadas nos efeitos de palco (MURACHCO, 1990; LACOTTE, 2013a).

Lacotte leu os testemunhos de bailarinos que trabalharam na Rússia com Marie, que evocavam sua maneira de dançar, quando ele apresentou *La Sylphide* em São Petersburgo. Ele também foi instruído por Lubov Egorova (que trabalhou com Christian Johansson, um dos últimos *partners* de Marie Taglioni) e Carlotta Zambelli sobre a pantomima da cena em que a Sílfide aparece na janela, as sequências de passos de Effie e uma parte das danças escocesas. (LACOTTE, 2013a, BOISSEAU, 2013). Embora Lacotte tenha coletado uma quantidade enorme de documentos, faltaram algumas peças para completar seu quebra-cabeça. Sobre a reconstrução da coreografia, ele confidenciou:

Foi necessário reconstruir a coisa toda como um afresco antigo, do qual faltavam fragmentos. Eu coreografei sequências inteiras no espírito da época. Com muita sinceridade e sem ostentação. Eu confiei no meu trabalho e nas minhas intuições. Um exemplo: no começo do Ato II, eu não sabia como a Sílfide entrava em cena. Então, havia essa rocha no planalto e imaginei que a Sílfide poderia aparecer deslizando sobre ela. Algum tempo depois, tive a oportunidade de trabalhar no Teatro Mariinsky, em São Petersburgo. Tive acesso a alguns documentos e a sorte de encontrar um desenho da cena que mostrava a Sílfide sobre trilhos, precisamente, para deslizar sobre esta famosa rocha! (BOISSEAU, 2013, n.p).



Figura 15 – Ghislaine Thesmar, Michaël Denard e corpo de baile em *La Sylphide*

Fonte: Levieux (cerca de 1971).

A pesquisa de seis anos de Lacotte resultou em um especial para a televisão francesa realizado por Yves-André Hubert, em 1 de janeiro de 1972. Um corpo de baile foi constituído por meio de audição e para os papéis dos protagonistas foram convidados Ghislaine Thesmar, primeira bailarina do *Ballet des Jeunesses Musicales de France*, e Michaël Denard, Étoile da *Opéra* (Figura 15) (BOISSEAU, 2013, LACOTTE, 2013a).

Após a exibição do filme, o diretor da Ópera de Paris, Bernard Lefort, propôs a Lacotte a montagem do bailado para sua companhia com os mesmos protagonistas (BOISSEAU, 2013). A *Opéra* apresenta regularmente *La Sylphide* em Paris, mas também em suas turnês internacionais. Lacotte remontou *La Sylphide* em Novosibirsk, Buenos Aires, Roma, nos Estados Unidos, Praga, Monte Carlo, Verona, no Japão, Nanci, Helsinque e Rio de Janeiro (LACOTTE, 2013).



Figura 16 – *La Sylphide* com o *Ballet de l’Opéra de Paris*

Fonte: Ray (2013).

5 | A LA SYPHIDE DE TAGLIONI NO BRASIL

La Sylphide de Philippe Taglioni foi apresentado pela primeira vez no Brasil em 1848 no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, com Anna Trabattoni. Retornou à cidade em 1987, no palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (TMRJ), dançado pelo Ballet do Teatro Colón de Buenos Aires, na versão de Pierre Lacotte de 1972 (THEATRO ..., 1997).

A produção de *La Sylphide* para o TMRJ foi negociada em 1989 para estrear em 1990, período em que a direção do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (CBTMRJ) foi exercida por Tatiana Leskova. A intenção de Leskova era incorporar ao repertório da companhia a versão de Pierre Lacotte, uma reconstrução da *La Sylphide* de Philippe Taglioni, de 1832, de grande valor histórico e inédita no Brasil. Os ensaios começaram em fevereiro de 1990 e a estreia estava programada para o início de abril (BOTAFOGO, 2006; BOTAFOGO, 2019).

Em 16 de março de 1990, um dia após Fernando Collor de Mello assumir a presidência do Brasil, foi anunciado e instituído oficialmente o Plano Brasil Novo, conhecido de fato como Plano Collor. O plano deflagrou uma crise cultural ao contribuir para o fim dos patrocínios subsidiados pela Lei Sarney (Lei no. 7.505, de 2 de julho de 1986), impactando imediatamente nos espetáculos com grande infraestrutura de produção. *La Sylphide*, com chancela do coreógrafo Pierre Lacotte, participação de solistas da *Opéra de Paris* e patrocínio do Banco Francês e Brasileiro, era a montagem mais aguardada para aquela temporada e estava em

andamento há quase dois meses sob a supervisão do próprio Lacotte, quando teve seus recursos financeiros congelados pelo Plano Collor e a estreia, programada para o dia 10 de abril de 1990, foi adiada para o segundo semestre, tão logo a verba do patrocínio fosse liberada. Os ensaios prosseguiram sem interrupção até o início de abril, quando aconteceu o ensaio geral e a produção ficou pronta com todos os elementos: figurinos, cenários, música, iluminação e coreografia, supervisionados de perto pelo próprio Lacotte (ARAÚJO, 1990; MUGGIATI, 1990; TRINDADE, 1990; BOTAFOGO, 2006; BOTAFOGO, 2019).

A primeira temporada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (TMRJ) aconteceu nos dias 28 de agosto a 14 de setembro de 1990 com a participação dos solistas da *Opéra de Paris*: Elisabeth Platel como a Sílfide, Manuel Legris como James (Figura 17) e Delphine Moussin como Effie. A orquestra do TMRJ foi comandada pelo francês Michel Queval, regente da *Opéra de Paris*. O elenco principal brasileiro também foi integrado por Nina Farah e Aurea Hammerli como Effie, Antonio Gaspar e Dennis Gray como Madge, Hélio Bejani e Rodolfo Rau como Gurn e Irene Orazen como a Mãe (ARAÚJO, 1990; MUGGIATI, 1990; TRINDADE, 1990; THEATRO ..., 1990; BOTAFOGO, 2006; BOTAFOGO, 2019).



Figura 17 – Elisabeth Platel e Manuel Legris no primeiro ato de *La Sylphide*

Fonte: Moraes (sem data).

Clausulas do contrato de patrocínio concediam os direitos de montagem da obra ao TMRJ pelo prazo de dez anos e previa uma turnê por capitais brasileiras, integrada por cerca de 80 bailarinos, orquestra do TMRJ e 45 profissionais da produção e da técnica. *La Sylphide* teve três apresentações em São Paulo, duas

em Belo Horizonte e duas em Brasília, sempre encabeçadas pelo elenco principal de bailarinos franceses. Quando a produção retornou ao TMRJ, nos dias 22, 23 e 25 de setembro, Ana Botafogo, Paulo Rodrigues e Aurea Hammerli assumiram definitivamente a liderança do elenco principal (ARAÚJO, 1990; TRINDADE, 1990; BOTAFOGO, 2019).

No ano de 1997, *La Sylphide* ganhou nova temporada no TMRJ nos dias 7, 8 e 9 de novembro. Pierre Lacotte retornou ao Rio de Janeiro para a remontagem, trazendo Elisabeth Platel como sua assistente. Ana Botafogo e Paulo Rodrigues (Figura 18) foram novamente escalados para interpretar o casal protagonista e, desta vez, dividiram os papéis com Fernada Diniz, Teresa Augusta e Francisco Timbó. No papel de Effie, revezaram-se as bailarinas Teresa Augusta e Renata Versiani. A regência da orquestra do TMRJ estava sob a responsabilidade do italiano Alessandro Sangiorgi. Na ocasião, o francês Jean-Yves Lormeau ocupava a coordenação artística do CBTMRJ (RUBIN, 1997). Esta montagem retornou aos palcos do TMRJ pela última vez na temporada de 1998, nos dias 23, 24, 25 e 26 de julho de 1998 e foi assinada por Elisabeth Platel (MENEZES, 1998).



Figura 18 – Ana Botafogo e Paulo Rodrigues no primeiro ato de *La Sylphide*

Fonte: Divulgação (sem data).

6 | CONCLUSÃO

Percebe-se a importância histórica e artística do balé *La Sylphide* de Philippe Taglioni na trajetória da dança cênica mundial e seu impacto no desenvolvimento

dos processos de produção dessa arte coreográfica. A reconstrução de Pierre Lacotte resgatou do esquecimento uma obra mestra do balé de grande relevância e permitiu que o público tivesse um olhar retrospectivo sobre a história da dança e as contribuições que ele deu para o desenvolvimento:

- da cenografia com a inclusão de maquinário de efeitos especiais complexo e inovador;
- da iluminação cênica com introdução da iluminação a gás, possibilitando a criação de diferentes ambientações;
- na técnica do balé com a consolidação do uso das sapatilhas de ponta que simulavam a ausência de gravidade e o voo das sílfides.
- no figurino com a canonização do tutu romântico como o traje de cena da bailarina que concilia com perfeição a necessidade de liberdade de movimentos com as demandas técnicas e estéticas da caracterização do personagem.

Notória também é a contribuição que a remontagem da obra assinada por Lacotte, realizada com excelência, deixou para o desenvolvimento da dança e das artes cênicas no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Wagner. A montagem brasileira. **Dançar especial: La Sylphide**. São Paulo: Empresa Editorial de Comunicação, 1990. p. 11-12. Edição especial.

BALLETTO.net. **Talioni, Filippo**. Sem data. Retrato de Philippe Talione de artista desconhecido. Pastel sobre papel. Acervo do *Museo del Teatro alla Scala di Milano*. Disponível em: <http://www.balletto.net/magazine/personaggi/taglioni-filippo>. Acesso em: 26 abr. 2019.

BARBIERI, Donatella. **Costume in performance: materiality, culture, and body**. London: Bloomsbury Academic, 2017.

BEAUMONT, Cyril. **Ballet design: past and presente**. London: Hazell, Watson & Viney, 1946.

_____. **O livro do ballet: um guia dos principais bailados dos séculos XIX e XX**. Tradução de João Henrique Chaves Lopes. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

BIBLIOTHÈQUE Nationale de France. **Artistes dramatiques de Paris**. 1855-1875. Foto de autor desconhecido retratando a bailarina Emma Livry como a Sílfide do balé *La Sylphide*. Acervo da *Bibliothèque Nationale de France*. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8438660q/f10.item>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

BOISSEAU, Rosita. **La Sylphide, un rêve éveillé**. Paris: Opéra National de Paris Magazine, 2013. Disponível em: <<https://www.operadeparis.fr/magazine/la-sylphide-un-reve-eveille>> Acesso em 20 de dezembro de 2018.

BOQUET, Louis. **Sultan**. 1791a. Projetos de figurinos de Louis-René Boquet contidos na obra *Habits de Costume pour l'exécution des ballets de Mr. Noverre dessinés par Mr. Boquet premier Dessinateur des enus Plaisirs Du Roi de France, tome II, p. 2*. Acervo da *National Library of Sweden*. Disponível em: <<https://www.wdl.org/en/item/17192/>>. Acesso em: 14 mar. 2019a.

BOQUET, Louis. **Sultane**. 1791b. Projetos de figurinos de Louis-René Boquet contidos na obra *Habits de Costume pour l'exécution des ballets de Mr. Noverre dessinés par Mr. Boquet premier Dessinateur des enus Plaisirs Du Roi de France, tome II, p. 3*. Acervo da *National Library of Sweden*. Disponível em: <<https://www.wdl.org/en/item/17192/>>. Acesso em: 14 mar. 2019b.

BOTAFOGO, Ana. Apêndice B: entrevista com Ana Botafogo. In: MONTEIRO, George. **O traje de cena da Sílfide do balé *La Sylphide* de Philippe Taglioni e Pierre Lacotte**: um estudo dos aspectos formais do design e das técnicas de construção. 2019. 281 f. Dissertação de mestrado – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

_____. **Na ponta dos pés: a trajetória de uma estrela**. São Paulo: Globo, 2006.

BOURCIER, Paul. **História da dança no ocidente**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOURHIS, Josseline Le. 1832: *La Sylphide* e o início do Romantismo na dança. In: OPÉRA NATIONAL DE PARIS. **La Sylphide**. Paris: Opéra National de Paris, 1996.

CAMINADA, Eliana. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

CHALON, Edward. **Theatre and Performance Collection**. 1845. Litografia colorida à mão retratando Marie Taglioni como a Sílfide no bale *La Sylphide*. Dimensões: 56 cm x 43 cm. Acervo do *Victoria & Albert Museum*. Disponível em: <<https://collections.vam.ac.uk/item/O106178/print-collection-print-chalon-alfred-edward/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

DELAROCHE, Paul. **Paul Delaroche (1797-1856)**. 1834. Retrato de Eugène Lami. Lápis, carvão e giz colorido sobre papel. Dimensões: 9 pol. x 7 5/8 pol. Acervo da *Terenchin Hudson NY*. Disponível em: <<http://www.terenchin.com/2013/04/18/paul-delaroche-1797-1856/>>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

DIVULGAÇÃO. **A montegem brasileira**. Sem data. Dançar Especial: *la Sylphide*, no. 7, São Paulo: Editorial de Comunicação, edição n. 7, 1990. p. 11 Número especial.

DÜRER, Albrecht. Masquerade at the Court of the Emperor Maximilian I. 1517. Xilogravura em preto e branco. Disponível em: <<https://fineartamerica.com/featured/durer-masquerade-1517-granger.html>>. Acesso em 4 ago. 2019.

ELLMERICH, Luis. **História da dança**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1988.

FARO, Antonio José; SAMPAIO, Luiz Paulo. **Dicionário de balé e dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 426 p.

FISCHER, Carlos. **Les Costtumes de l'Opéra**. Paris: Librairie de France, 1931.

GISSEY, Henry. **Costumes du Ballet intitulé: "La Nuit," représenté à la Cour en 1653, dans lequel Louis XIV figura habillé en soleil: [dessin]**. 1653. Desenho, medindo 27,2 cm de altura e 17,8 cm de largura. Acervo da *Bibliothèque Nationale de France*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52502200s/f1.item.r=ballet%20de%20la%20nuit>>. Disponível em: 7 dez. 2017.

GUEST, Ivor. The genesis of *La Sylphide*. In: SMITH, Marian Elizabeth (Org.). **La Sylphide: Paris 1832 and beyond**. Hampshire, UK: Dance Books, 2012.

HOMANS, Jennifer. **Os anjos de Apolo: uma história do ballet**. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2012.

HAMMOND, Sandra. Something old or something new?. In: SMITH, Marian Elizabeth (Org.). **La**

Sylphide: Paris 1832 and beyond. Hampshire, UK: Dance Books, 2012

KIRSTEIN, Lincoln. **Four centuries of ballet.** New York: Dover Publications, 1984.

KRIEHLBER, Josef. **Maria Taglioni Kriehuber.jpg.** 1839. Litografia retratando a bailarina Marie Taglioni. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Marie_Taglioni>. Acesso em: 27 abr. 2019.

LACOTTE, Pierre. À la recherche du ballet perdu... OPÉRA NATIONAL DE PARIS. **La Sylphide.** Paris: Opéra National de Paris, 2013a. p. 53-54.

LANCRET, Nicolas. **Portrait de la danseuse Marie Sallé.** 1732. Detalhe do retrato de Marie Sallé em óleo sobre tela, medindo 42 cm de altura e 54 cm de largura. Acervo do *Château Rheinsberg*. Disponível em: <<https://www.akg-images.fr/archive/Portrait-de-la-danseuse-Maria-Salle-2UMDHUU9I2PW.html>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

LANCRET, Nicolas. **La Camargo Dancing.** Cerca de 1730. Detalhe do retrato de La Camargo em óleo sobre tela. Acervo da *National Gallery of Art*, Washington. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La_Camargo_Dancing_by_Nicolas_Lancret,_c._1730,_oil_on_canvas,_view_2_-_National_Gallery_of_Art,_Washington_-_DSC09962.JPG#filehistory>. Acesso em: 5 mar. 2019.

LEMOISNE, Paul-André. **Eugène Lami, 1800-1890, vol. 1.** Paris: Goupil, 1912.

LEVIEUX, Francette. **Je pense que je vais etre un tannante.** Cerca de 1971. Tumblr: Aurelie-Dupont. Ghislaine Thesmar (Sífide), Michaël Denard (James) e corpo de baile durante as filmagens de *La Sylphide* em 1971. Disponível em: <<http://aurelie-dupont.tumblr.com/post/163113771160/ghislaine-thesmar-and-micha%C3%ABl-denard-in-lacottes>>. Acesso em: 23 set. 2018.

MENDES, Francisca Dantas. **A Dança do Corpo Vestido – Um Estudo do Desenvolvimento do Figurino de Balé Clássico até o Século XIX.** São Paulo: Mombak, 2015.

MENEZES, Berenice. **“La Sylphide” volta aos palcos.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1998. B, p. 2. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=217248&Pesq=lacotte> Acesso em 15 de maio de 2019

MORAES, Lewy. **A arte como criação do mundo.** Sem data. *Dançar Especial: la Sylphide*, no. 7, São Paulo: Editorial de Comunicação, edição n. 07, 1990. p. 5. Número especial.

MUGGIATI, Anna. **A mãe do balé romântico.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1990. Programa, ano 5, no. 747, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=14976&Pesq=corpo%20de%20baile%20do%20theatro%20municipal%20do%20rio%20de%20janeiro>

Acesso em 15 de maio de 2019

MURACHCO, Cristina. Pierre Lacotte: arqueólogo ou criador? **Dançar especial: la Sylphide.** São Paulo: Editorial de Comunicação, edição n. 07, 1990. p. 8. Número especial.

PASI, Mario. **A dança e o bailado.** Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

PERRONEAU, Jean-Baptiste. **Portrait of Jean-Georges Noverre.** 1764. Retrato de Jean Georges Noverre em pastel. Acervo do *Musée du Louvre*. Disponível em: <<https://dancadepoisdos20.wordpress.com/tag/jean-georges-noverre/>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

PIERRE Lacotte. **La Sylphide.** Paris: Opéra National de Paris, 2013. p. 56-57.

PÖHN, Michael. **Pierre Lacotte, la passion de danse.** Foto sem data. Retrato de Pierre Lacotte que ilustra entrevista assinada por Marie-Astrid Gauthier da *ResMusica*. Acervo da *Wiener Staatsoper*.

Disponível em: <<http://www.resmusica.com/2010/11/15/pierre-lacotte-la-passion-de-la-danse/>>. Acesso em: 31 de março de 2018.

PORTINARI, Maribel. **História da Dança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

POTTER, Michelle. **Soft, gauzy ballet dresses**. *Brolga, Braddon*, v. 23, 6-11, 1 dez 2005. Disponível em: <http://michellepotter.org/wp-content/uploads/2011/12/soft_gauzy_ballet_dresses1.pdf>

Acesso em 15 de agosto de 2017.

RAY, Ann. **La Sylphide, un revê éveillé**. *Octave Magazine*, 2013. 2013. Corpo de baile da Ópera de Paris em *La Sylphide*. Disponível em: <<https://www.operadeparis.fr/magazine/la-sylphide-un-reve-eveille>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

ROUARGUE, Emile; LACAUCHIE, Alexandre. **Jerome Robbins Dance Division**. 1827. Litografia de Emile Rouargue segundo Alexandre Lacauchie, retratando Pauline Montessu na cena da sonâmbula de *La somnambule*. Dimensões: 28,5 cm x 21,5 cm. Acervo da *New York Public Library*. Disponível em: <<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e2-0bec-a3d9-e040-e00a18064a99>>. Acesso: 29 nov. 2018.

RUBIN, Nani. **Movimentos românticos**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1997, p. 29. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=217248&Pesq=lacotte> Acesso em 15 de maio de 2019

SMITH, Marian Elizabeth (Org.). **La sylphide: Paris 1832 and beyond**. Hampshire, UK: Dance Books, 2012.

THEATRO Municipal do Rio de Janeiro. **La Sylphide**. Programa do espetáculo. São Paulo: Missault Produções, 1990.

_____. **La Sylphide**. Programa do espetáculo. Rio de Janeiro: Fundação Theatro Municipal, 1997.

TRINDADE, Mauro. **O mito da imortalidade**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1990. Cidade, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_11&PagFis=14_976&Pesq=corpo%20de%20baile%20do%20theatro%20municipal%20do%20rio%20de%20janeiro> Acesso em 15 de maio de 2019

ÍNDICE REMISSIVO

B

Baixa Idade Média 1, 146, 147, 150, 152, 153, 155, 156

Big Data 292, 296, 297, 300, 301

C

Cadeias Produtivas 242, 244, 248, 251, 252, 254, 255, 256

Comportamento 25, 48, 56, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 128, 216, 261, 297

Consumismo 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 39, 40, 42, 43, 199, 217

D

Desenvolvimento Rural 102, 213

Design Universal 260, 262, 266, 267, 276

Deslocamento 1, 2, 142, 152, 233

Direito à Desconexão 229, 230, 232, 236, 237, 239, 240, 241

E

Economia Circular 215

Educação do Campo 100, 101, 103, 106, 112

Ensino de Filosofia 180, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 190, 192

Escola 34, 35, 76, 77, 78, 82, 85, 102, 103, 105, 106, 108, 112, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 158, 177, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 260, 263, 274, 275, 276, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 291, 303

F

Família 71, 101, 104, 105, 111, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Formação Docente 75, 188, 290

G

Gênero 5, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 134, 137, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 155, 160, 161, 162, 164, 223, 286

I

Identidades 29, 83, 100, 101, 107, 108, 109, 112, 119, 121, 138, 195, 303

Igualdade 115, 117, 119, 196

Incerteza 193, 194, 199, 295, 297

Inclusão Escolar 260, 262, 263, 264

Indústria de Alimentos 81, 204, 207, 208, 209

L

Literatura de Viagem 146, 147, 149, 150, 154

M

Mestiçagem 219, 221, 225, 226, 227

Modernidade Líquida 193, 194, 198, 201

Monstro 1, 3, 5, 6, 9

Mulher 8, 9, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 129, 134, 136, 137, 144, 161, 195, 223

P

Pierre Lacotte 158, 159, 169, 170, 173, 175, 176, 177, 178

Planejamento Científico 278

Políticas Públicas 23, 57, 102, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 134, 136, 137, 144, 208, 253

Project Model Canvas 278, 279, 281

Protagonismo 100, 112, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

R

Raça 50, 114, 115, 118, 119, 121, 220, 226

Rastreabilidade 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259

Resistência 50, 52, 204, 209, 210, 213, 273

S

Saber Científico 75, 76, 78, 85

Sociedade de Risco 25, 26, 30, 32, 41

Startups 292, 293, 295, 297, 298, 300, 301, 302

Sustentabilidade 41, 43, 110, 214, 215, 216, 217, 218, 253, 276

T

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação 282, 283, 284, 287, 291

Tecnologias Laborais 229, 230

Trabalho 4, 25, 28, 29, 32, 34, 36, 45, 50, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 84, 86, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 114, 118, 123, 124, 129, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 151, 168, 171, 185, 187, 188, 199, 211, 215, 216, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 257, 261, 267, 271, 272, 273, 276, 278, 280, 281, 298

Traje de cena 158, 159, 176, 177

V

Vitimologia 45, 53

 **Atena**
Editora

2 0 2 0